

ENTREVISTANDO

HUXLEY E REMARQUE

«Eu vou ao Brasil para aprender e não para ensinar», diz Aldous Huxley. — Declara-se Erich Maria Remarque um cidadão do mundo.

Louis Wizzitzer

(Especial para o «Diário de Notícias»)

O autor de «Counterpoint», «Eyes in Gaza», «Brave New World» e outros romances filosóficos, vive em cima de um morro de Hollywood, num isolamento completo, trancado com a esposa, num retiro dedicado a experimentos da mais perigosa espécie. Há mais de dez anos que o intelectual, o brilhante e paradoxal Huxley se converteu à filosofia Indú; mais recentemente, nos últimos anos, ele tomou certas drogas, como a anilina, para fazer a experiência dos limites da mente, a beira da loucura, ou da transcendência. Na França, um Henri Michaux tinha se lançado numa idêntica direção; ambos Huxley e Michaux trouxeram impressões fabulosas das suas viagens «ao interior».

Aldous Huxley me recebeu na sua casa que domina Los Angeles e Hollywood e cujos arredores lembram um pouco do Rio de Janeiro, e de Florença, na hora do chá; ele aceitou um convite para visitar o Brasil, com a esposa, no próximo mês de maio e fazer ali algumas conferências embora, ele, muito modesto, declare de antemão: «Não sou um professor; tenho pouco para dizer». Sobretudo ele pretende conhecer este Rio, São Paulo e... Brasília. Huxley queria saber mais sobre Brasília. «Eu vou ao Brasil para aprender alguma coisa, não para ensinar».

Huxley hoje está quase cego. É muito alto, magro, com maneiras de aristocrata inglês: calmo, distinto, paciente, bondoso mas dentro dos seus limites, distante de qualquer familiaridade ou concessão. Não levem o homem para «boites»; ele não gosta de uísque, ainda menos de falar alto.

— Você quer dizer alguma coisa sobre suas experiências com drogas, algumas das quais, mexicanas, são, eu creio, muito perigosas?

— Estas experiências são feitas por vários médicos em várias partes do mundo e levaram a preciosas descobertas, pois sabe-se que há drogas que podem curar doenças mentais, alcoolismo; são experimentações científicas que se relacionam com psiquiatria. As vezes passei oito horas em seguida sob o domínio da anilina e percebi coisas, avancei num espaço, num tempo de que procurei justamente dar uma idéia nos meus últimos livros.

— Estas experiências modificaram suas convicções filosóficas? Você sempre acha que há algo de transcendente ou teve que admitir que Deus mesmo é apenas projeção da nossa subjetividade?

— Pensei antes e penso agora que o transcendente existe, e que ele está dentro de nós, e que o nosso centro espiritual e a espiritualidade total do universo são uma e mesma coisa.

A separação, a divisão entre interior e exterior, imane e transcendente, subjetivo e objetivo, espírito e matéria são ilusões; nós percebemos o mundo através de um véu, como, poderíamos perceber a luz através de um diamante e concluir que existiam sete luzes separadas; mas a luz é uma só. E Deus também.

— Você pensa que nós estamos para entrar numa espécie de Idade Média materialista?

— Infelizmente estamos sendo empurrados nesta direção. A qualidade, o individualismo diminuem sempre mais e cedem o lugar à quantidade, organização, coletivismo etc.

Alguns detalhes que eu sonhei em meu «Brave New World», trinta anos atrás, como condicionamento de seres humanos para tarefas especializadas, lavagem de cérebro (propaganda) etc. tornaram-se realidade quotidiana. O mundo vai ser sempre mais totalitário, estatístico; o Estado possui meios de propaganda tão científicos que vai poder fazer o que quer com a humanidade. A

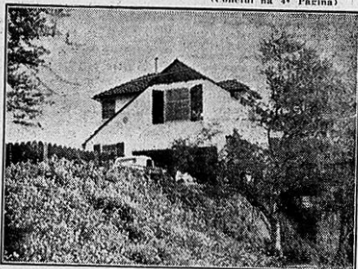


Erich Maria Remarque

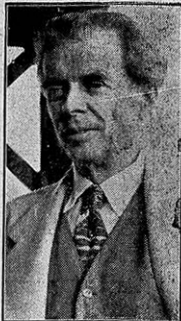
televisão é o instrumento mais perigoso...

— Você acha que ainda podemos voltar para trás?

— Fazendo o que? legislações que defendem o indivíduo, um certo tipo de educação, o respeito de certos valores? sim; mas a corrente para o lado oposto é poderosa demais. Justamente eu devo escrever um livro sobre «A liberdade nos Tempos Modernos» onde tratarei deste assunto. O problema é de saber se algum dia sairemos do túnel, subiremos novamente para a luz do dia...



A casa dos Huxley em Hollywood.



Aldous Huxley, fotografado por L. Wizzitzer.

Outros projetos?

— Não sou um autor muito fértil. Estou escrevendo uma fantasia, uma fábula; e devo fazer algumas conferências na Universidade de Los Angeles. E uma viagem a Inglaterra onde não tenho estado desde 1954.

— Que pensa dos jovens escritores ingleses?

— Tem alguns com muito valor; não gosto de Colin Wilson.

— E da literatura americana?

— Gosto muito de Faulkner; ele é um grande escritor.

— Graham Green?

— Nunca li; para dizer a verdade, tenho pouco tempo para ler romances. Meu próprio trabalho exige muita leitura, estudos e atenção.

— Hollywood é a cidade mais absurda, a maior mentira do mundo. Como vive o sr. em seu redor?

— Em Sodoma havia dez justos e em Hollywood há boa gente que eu frequento; gostei do ar, do Pacífico, do campo e me retirei aqui. Se não fosse aqui, teria sido em outro lugar e me perguntariam a mesma coisa, não é?

Tomamos o chá e conversamos por mais de meia hora sobre assuntos de menor peso.

Madame Huxley se preocupava com problemas de roupa para levar ao Brasil. Peles ou não peles etc... Desejei aos dois uma muito boa viagem e marquei encontro para depois da volta deles ouvir as impressões.

Encontrei Remarque tal como eu esperava; um romântico, o último romântico. Das janelas do seu apartamento da rua 57 vêem-se as luzes da

(Conclui na 4ª Página)

(Conclui na 2ª Página)

Mã a hattan fantasmagórica, banho de leite metafísico, geometria lírica. Ele, sentado, estendendo, no meio de livros e de discos, feito um menino fazendo as lições; tomando café para não cair de sono. Simplicidade total dele, do quarto. Olhos azuis que não mentem; uma fisionomia distinta; este homem sofreu, entendeu. Nas paredes, desenhos de Degas, ligeiros, discretos; sobre o chaminé, pequenos bronzes chineses; lindos, sem pretensão. São sete da noite. Remarque está de pijama; trabalhou o dia inteiro, chegou à página 65 do novo romance, de que não quer me falar. Por superstitação.

O autor de «Nada de novo no oeste», «3 camaradas», «Arco de triunfo» e tantos outros romances me confessa: «Não me dá a quem que o escritor publique uma obra prima cada vez que escreve», a concepção de literatura chegou a ser como no esporte, a do recorde».

Na imensa obra de Goethe encontramos obras primas e muitos livros de menor importância; antigamente e sobretudo no Renascimento, o escritor era um artesão, fazia seu trabalho. Às vezes muito bom, às vezes menos bom, não importava. Bach estava sempre compondo; os artistas aceitavam encomendas. Os pintores de hoje, os poetas são todos gênios, não aceitam conselhos, missões ou pedidos...»

«Chegamos à missão do escritor. Depende do escritor. Não há regras. Eu nunca pude esquecer os problemas do meu tempo; não acho que o escritor deve se manter diretamente em política; mas ele deve exprimir seu humanismo, sua concepção do mundo, e colocar-se frente aos problemas mais graves do seu tempo. Nem que eu escrevesse sobre uma história de amor num livro de Puccini, eu poderia deixar de referir a possível desembarque de tropas americanas, ou japonesas. Meu primeiro livro foi um grito de pacifismo; não mudei a minha fé, a minha posição; apenas acho que as chances de

paz diminuíam; do jeito que o mundo vai, teremos outra guerra; que tragédia...

— Você pretende a Alemanha em 1931? Não pretendo voltar mais para lá?»

— Passei 27 anos fora do meu país. A maior parte da minha vida. Deixei meu país por causa do nazismo. Fiquei oito anos na Suíça. Depois, fui para os Estados Unidos. Hoje sou cidadão americano. Voltei várias vezes à Alemanha. Mas não sinto mais contato. Os alemães não mudaram. Nazistas ocupam lugares, e posições-chave na administração, na diplomacia.

«O povo não quis reconhecer a culpa, repeliu, fechou os olhos ao passado e agora novamente com Adenauer e os barões do Ruhr voltam aos antigos slogans. Eles detestam os exclamados e acham que sofreram enquanto nós estamos no estrangeiro. Não adianta. Não quero mal a meu país. Apenas, os nazistas fizeram de mim um cidadão do mundo e agora cidadão do mundo eu fico. Deixar e perder meu país foi uma tragédia para mim. Levei anos a me acostumar. Agora estou habituado».

No passado escrevi uma peça de teatro: «A última sessão em Berlim com colossal sucesso. Mas os 200 teatros da Alemanha ocidental, subvencionados pelo governo, não quiseram levar a peça: era anti-nazista demais. O povo não quer pensar, nem ser lembrado dessas coisas. Meus patrícios, quando falo com eles, citam o barbarismo dos aliados que bombardearam Hamburgo, Berlim; porém quando falo de Amsterdam, da Noruega, eles dizem: «necessidades estratégicas». O diálogo não é possível. Aliás, eu acho que se a guerra começar, alguma dia, ela começará porque os alemães quererão reconquistar a Alemanha do Leste, ou a Pomerânia, ou alguma província atualmente dinamarquesa, tchecoslovaca ou francesa. Não confio em Adenauer. Ele não trouxe prosperidade à Alemanha, mas sobretudo aos donos das grandes indústrias. Mas deixemos de política. Eu não sou de lado nenhum. Eu não

acho que o capitalismo seja uma necessidade para a humanidade nem creio no sistema comunista. Prefiro morar no ocidente, porque como diz meu amigo Koestler, entre dois males, prefiro o menor; mas a escolha não é entre o bem e o mal, de forma alguma.

Remarque trabalha diariamente, e leva até dois ou três anos para terminar um livro. Ag vêzes, ele acha a primeira versão boa. Às vêzes ele corrige e escreve até uma dúzia de versões. Gosta de tocar piano, coleciona quadros impressionistas. Possui uma casa na Suíça, à beira do lago Maggiore onde passa os verões. Vai à Itália, Veneza, Florença todos os anos. E, é verdade, vai casar proximoamente com a linda atriz Paulette Godard, ex-esposa de Charlie Chaplin. Atualmente, terminam um filme adaptado do seu último romance «A time to live and a time to die»; ele tomou parte na realização do filme, com atores desconhecidos e num estilo neorealista; ele mesmo fez um pequeno papel de ator no filme. E publicou um romance sobre a sua mocidade: «O bellico preto».

Falamos de outros escritores. Ele gosta de Tolstói, de Román Rolland, de Ghandi, de Gide. Não gosta de Thomas Mann, que ele acha oportunista, e confucionista e alambicado. Tem muito respeito a Herman Hesse que vive na Suíça e deixou a Alemanha no começo do nazismo. Não é admirador de Jung, de Rilke e de Stefan George, combinação de autoritarismo, de pseudo-aristocracia, de nazismo disfarçado e sofisticado e de homossexualidade. «Todos os nazistas sofisticados eram admiradores de Rilke e de Stefan George». Gosta de Gerárd Pauptmann como escritor. Gosta de Hemingway, de Malraux. E pretende escrever mais para o teatro: «Escrever uma peça é como dirigir um automóvel e conversível, escrever um romance é como dirigir um caminhão, não acaba mais». Goehe é seu grande inspirador. Nas horas de crise, Remarque volta-se para

Goethe, encontra na obra de Goethe a sabedoria e a emoção que o sustentam. Ele gosta de Nova York: «Um escritor precisa de morar numa grande cidade; Berlim, antes dos nazistas, era uma grande cidade, cheia de cultura, de vida; o teatro, a música, as letras vibravam; os nazistas liquidaram os judeus que eram um fermento cultural; Berlim hoje em dia é uma província. Nova York é um grande centro cultural. De vez em quando, é verdade, procuro refugiar-me à beira de um lago, no campo; mas estou bem em Nova York; não me queixo. Um dia, visitarei o Brasil. Sempre pensei em fazer essa viagem.»

Civilização . . .

(Conclusão da 2ª página)

experiências, para todas as pesquisas artísticas.

Dir-me-ão que a França não está à frente do movimento de algumas técnicas? Responderéi que a França construiu o primeiro monumento metálico de 300 metros, que seus navios são os mais rápidos, seus aviões os mais ágeis, seus trens os mais rápidos, seus tremos os mais ágeis, seus navios realizou as maiores barragens do mundo. O estranho é que quando a França triunfa com uma de suas obras excepcionais, deixa aos outros povos o trabalho de prosseguir e vulgarizar suas pesquisas.

Finalmente, a França sofreu experiências terríveis. Suportou guerras cruéis. Fêz quatro revoluções e não deixou de resolver, com sábias reformas, os problemas do futuro. Ela empreendeu, no mundo, uma obra civilizadora que foi, e ainda é, a obra dos professores, médicos, administradores, dos conservadores de museus.

Que os que não compreendem a França e pensem espalhada a refflita antes de cumprir sua má ação. A civilização, sem a França, poderia, sem dúvida, sobreviver. Ela se arrisca, porém, a se transformar, durante uma longa e nova Idade Média, numa sábia e desesperante barbárie. — (81)